

Desenhos produzidos durante cerimônia transreligiosa na Arca da Montanha Azul: intersecções em arte e o processo de cura. Sobre afetar e ser afetado ¹

Frederico Romanoff do Vale
UFSC/Santa Catarina

Palavras-chave: antropologia; psicoativos; metodologia.



Figura 01 - Mesa de desenhos durante a cerimônia. Foto: Alessandra Migueis

Gilberto Velho (2013) nos ensina brilhantemente os caminhos pelos quais percorrer para produzir o estranhamento do familiar. Antes a antropologia não tinha esse “problema”, uma disciplina que se constituiu a partir do estudo do outro, não precisou até então olhar para si mesmo, ou para quem a produzia. A partir da segunda metade do século XX começaram a surgir mais e mais trabalhos antropológicos sobre as chamadas “sociedades complexas” ou, as sociedades dos próprios pesquisadores. Se antes o estudo era eminentemente do outro, do exótico agora as lentes antropológicas estão voltadas para os hábitos, costumes, crenças e modos de produzir cultura dos nossos vizinhos e de nós próprios. Minha pesquisa então se enquadra nesse contexto considerando que os sujeitos de pesquisa são meus amigos e estão irmanados à mim através da sangha².

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Comunidade de devotos que seguem o caminho espiritual conjuntamente.

Este texto tem o objetivo de apresentar os resultados preliminares da pesquisa empreendida desde o começo de 2018 em uma casa transreligiosa no Rio de Janeiro que faz o uso de substâncias psicoativas, notadamente a ayahuasca e o rapé. Visando ajudar a problematização sobre os limites e possibilidades da pesquisa social no mundo dos psicoativos. Perseguindo as seguintes questões: Até que ponto o pesquisador pode se envolver no campo da pesquisa social com psicoativos? Existem especificidades nesse campo? Se sim, quais seriam? Considerando o discurso nativo, qual seria o melhor posicionamento do pesquisador durante a pesquisa? Participar ou não das experiências psicodélicas?

As respostas a essas perguntas certamente não poderão ser feitas individualmente, com base em uma única experiência de pesquisa. No entanto, acredito que a minha experiência neste universo pode ajudar a encontrar o caminho dessas respostas.

Iniciando a pesquisa em um universo novo

A pesquisa que aqui se descreve passou por algumas etapas, na etapa inicial posso dizer que estava realizando uma antropologia “clássica” no sentido de pesquisar um universo de pessoas completamente diverso do meu. Eu cresci e me formei em uma família espírita kardecista da classe média de Santos/SP que nunca teve, até onde eu sei, contato com substâncias psicoativas. Eu fui conhecer o universo das plantas medicinais de uso urbano depois de alguns anos estudando no Rio de Janeiro, onde fiz minha graduação em ciências sociais e o mestrado em antropologia. Foi precisamente no mestrado que eu tive contato com uma literatura que indicava os efeitos criativos do uso da ayahuasca entre os Yudjá (LIMA, 2018). Lembro que o texto da professora Tânia me causou um sentimento de alegria ao perceber como uma substância antes esquecida pôde tomar um papel central na reconstrução cultural e identitária de um povo. Foi também durante esse curso que tive contato com o texto do professor Márcio Goldman chamado “Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia” (2003), que trata, dentre outras coisas, da relação entre pesquisador e pesquisados de uma forma bastante sensível.

A essa altura eu estava bastante desgastado pelo tempo de estudos longe da minha família e pelo esforço mental que precisei despender para entrar no mestrado. Foi quando conheci um amigo que me disse que fazia o uso cerimonial da ayahuasca no Rio de Janeiro. Depois de um tempo de relação com esse amigo, disse a ele que me

interessava por conhecer a casa. Fui então participar de uma cerimônia, com receio, mas fui. Chegando lá, passei por todos os procedimentos relativos aos neófitos nesse campo e vivi a minha primeira experiência cerimonial com o uso de plantas sagradas.

Peço desculpas ao leitor se este relato às vezes possa soar por demais pessoal, no entanto acredito que seja interessante contextualizar o lugar do pesquisador a fim de poder melhor argumentar pelo método escolhido para encaminhar a pesquisa que aqui se descreve.

Familiarizando

No segundo ano do mestrado, em 2019, eu já frequentava a casa a pouco mais de um ano e, no meio de novas atribulações na vida pessoal (meu pai havia falecido naquele ano) eu resolvo por me iniciar na casa em que estava realizando o trabalho de campo. Essa resolução não foi fácil, envolveu pesar muitas possibilidades, inclusive de validação do conhecimento científico que eu estava ali tentando construir. No entanto, ao mesmo tempo, os textos que eu tinha tido contato, notadamente de Márcio Goldman (2003) e Jeanne Favret-Saada (1990), haviam me dado a coragem para prosseguir com o meu envolvimento em campo.

Assim, em Julho de 2019 eu decido por passar pelo processo iniciático na casa em pesquisa, e claro, com a constante interlocução e consentimento das pessoas em campo, que também foram super importantes nessa decisão. A partir daquele momento então eu era um pesquisador e também um iniciado do Círculo Holístico Arca da Montanha Azul.

Devo confessar que a escolha por me iniciar na casa, além de ser a escolha de um caminho espiritual a seguir e de uma forte ajuda para questões emocionais que estava passando, também foi uma escolha realizada como forma de me blindar de possíveis críticas dentro do campo da Antropologia. Durante a minha graduação fui exposto a fortes críticas a respeito do estudo do outro, onde sujeitos de diferentes grupos sociais vinham a público questionar o papel dos antropólogos no estudo de suas comunidades. Pensei então que fazer parte da comunidade que estudava poderia me blindar de possíveis críticas nesse sentido.

Estranhando o familiar

Agora então eu tinha um novo desafio, a essa altura meu universo de pesquisa já era bem mais familiar pra mim e eu de certa forma tinha me “tornado” um nativo.

Discussões na antropologia sobre “tornar-se” são correntes, alguns autores observam a questão com atenção enquanto que outros parecem entender que tal transformação seria impossível. Eu acredito que cada caso guarda as suas especificidades. No caso aqui descrito de fato houve um processo consciente de transformação³, que se deu através do processo de iniciação na casa em estudo. Agora então eu fazia parte do universo ayahuasqueiro. A iniciação talvez tenha sido o aspecto mais “formal” do processo, acredito que os fatos que me tornaram um “ayahuasqueiro urbano” foram a minha vivência, a constância, a dedicação, o procurar saber e a abertura para novas formas de estar no mundo.

A essa altura da pesquisa, particularmente já no momento de escrita da dissertação, o texto que mais tinha identificação foi àquele da Jeanne Favret-Saada, sua asserção de “deixar-se” afetar pareceu-me muitas vezes durante o campo como uma forma de me permitir vivenciar a experiência integralmente e no momento da escrita como um referencial teórico importante, que de certa forma assegurava o meu fazer antropológico naquele momento. Favret-Saada defende um tipo de etnografia em que afetar e ser afetado é parte integrante do trabalho do pesquisador em antropologia. Optei por realizar um tipo de pesquisa que valorizasse o participar ao invés de observar (no sentido de analisar), levando em conta que o trabalho de campo se faz com o corpo (e a alma) e também porque grande parte do trabalho durante as cerimônias foi realizado com olhos fechados, tornando a ‘observação’ visual difícil, enquanto se abria a possibilidade de uma exploração sensorial do ambiente, com destaque para o som.

Durante a pesquisa, eu compreendi que o processo de escrita, seja através do diário de campo ou através dos capítulos da dissertação, produziam o distanciamento necessário para que a experiência que eu estava vivendo intensamente desde 2018 pudesse ser melhor traduzida e integrada.

Tradução aqui parece ser um termo fundamental para o trabalho de qualquer antropólogo, cito então o texto “A invenção da cultura” (2017) do antropólogo Roy Wagner que de certa forma também guiou o meu processo de escrita. No referido texto Wagner vai dissertar sobre o papel e os possíveis posicionamentos do pesquisador durante o trabalho de campo. Ao ler o seu texto, eu pude me rever durante o campo e entender as decisões que tomei dentro de uma perspectiva mais ampla. O autor comenta

³ Tal como descrito pelo filósofo Emanuel Coccia (2020), seu trabalho caracteriza e distingue os processos de transformação, de conversão e de revolução. Acredito que o caso aqui descrito se enquadre melhor na primeira das opções citadas.

também que talvez o maior desafio do antropólogo seja traduzir de forma didática toda a experiência que ele viveu em campo para a sua sociedade de origem. Talvez essa operação seja mais nítida na relação entre a pesquisa em sociedades não-ocidentais por pesquisadores ocidentais, nesse caso o estranhamento muitas vezes é maior e a tarefa de uma boa tradução demonstra-se de grande importância. Porém, mesmo dentro das chamadas “sociedades complexas”, existem grupos que são riquíssimos em simbologia e formas de vida que faz-se necessária uma boa tradução para futuros leitores que não foram socializados com os símbolos do universo em estudo.

Os sujeitos de pesquisa como co-autores

Durante o trabalho de campo, em algum momento eu não sabia direito qual foco dar para a pesquisa. Conversando com meus interlocutores em campo, uma das praticantes me disse: “porque não estudar os desenhos que a gente faz aqui durante as cerimônias?”. A sugestão caiu então como uma luva. Minha orientadora do mestrado tinha interesse por antropologia da arte e eu também me interessava pela área. Além disso, o trabalho de expressão artística que é desenvolvido pela Arca da Montanha Azul remete aos trabalhos desenvolvidos anteriormente pela psiquiatra Nise da Silveira, o que me chamou bastante atenção.

Passei então a entender os desenhos produzidos durante as cerimônias como o objeto por excelência da minha pesquisa, e a partir deles fui tentando entender o chamado processo de cura e a relação entre a produção dos desenhos e o processo ritual.

O processo de produção de desenhos durante as cerimônias era um dos fatores que distinguiam a Arca da Montanha Azul dos outros centros ayahuasqueiros do país. Tratava-se então de um diferencial que eu poderia aproveitar durante a minha pesquisa. Durante o processo de pesquisa do mestrado eu me interessei especificamente pela relação que os desenhos estabeleciam entre si e com os praticantes da casa durante as cerimônias. Para tanto, encontrei em Alfred Gell (2020), através do conceito de agência, um importante e seguro arcabouço intelectual.

A pesquisa demonstrou que os desenhos exerciam um tipo de agência durante a sua “vinda ao mundo” durante as cerimônias e posteriormente quando eram expostos e se relacionavam com os praticantes durante as cerimônias. Esse processo de produção artística e de relação com os praticantes revelou uma forte influência no assim chamado “processo de cura”, que é o tema que nesta fase da pesquisa eu estou interessado.



Figura 02 - A realeza do orixás - Marcelo Asth - Acervo Arca da Montanha Azul

Intersecções entre arte e o processo de cura

Atualmente estou realizando meu doutoramento na área de antropologia da saúde no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGAS/UFSC, com um particular interesse no processo de cura no espaço em questão.

As seguintes perguntas me movem: o que significa o processo de cura para os praticantes da Arca da Montanha Azul? Como acontece a cura? Que tipo de cura eles estão perseguindo? Para quais doenças/incômodos? Qual a relação do processo de cura com a experiência de expressão artística durante as cerimônias?

Para tentar começar a responder a essas questões, remeto esse texto a elementos encontrados através do trabalho de campo, nesse sentido, observa-se a influência do trabalho em expressão artística coordenado pela Dr^a. Nise da Silveira. Nise é conhecida por ser uma das pioneiras do tratamento humanizado de pacientes internados em hospitais psiquiátricos no Brasil. O psicólogo e coordenador espiritual da casa em estudo, Philippe Bandeira de Mello, trabalhou com Nise na Casa das Palmeiras e

entendeu o potencial terapêutico que a expressão artística desenvolvida e interpretada através dos moldes da Dr^a. Nise poderia ter. Então, ele transfere essa ferramenta, adaptando-a para o universo das cerimônias com plantas medicinais na Arca da Montanha Azul. A descrição mais detalhada do fazer artístico durante as cerimônias, bem como a agência que os desenhos exercem durante estas e no processo de cura pode ser lido na minha dissertação de mestrado. Nela, procuro demonstrar como a expressão artística funcionava no tratamento da Dr^a. Nise da Silveira e como isso pode também ser estendido para o trabalho na Arca da Montanha Azul, guardada as devidas proporções. (ROMANOFF, 2021).

Considerações finais

Este trabalho apresentou algumas considerações a respeito do trabalho desenvolvido na Arca da Montanha Azul, a partir de uma perspectiva antropológica que valoriza a premissa de ser afetado e afetar. Nesse sentido, as possíveis respostas levantadas no começo do texto podem sugerir uma resposta onde o pesquisador é considerado parte integrante dos dramas (TURNER, 1980) que ocorrem durante a pesquisa de campo. Dessa forma, de acordo com a minha experiência (que não tem pretensões de universalização, pois cada caso é um caso), a pesquisa social no mundo dos psicodélicos só tem a ganhar com a participação integral do pesquisador no universo pesquisado. Acredito que o instrumental antropológico garante o distanciamento necessário para a produção da reflexão e do conhecimento pretendidos. A experiência de “afetação” parece promover uma aproximação com os interlocutores em campo capaz de gerar materialidade especial ao que se escreve sobre a experiência, uma vez que experimentá-la parece mais completo do que simplesmente observar.



Figura 03 - Autor desconhecido - Acervo Arca da Montanha Azul



Figura 04 - Autor desconhecido - Acervo Arca da Montanha Azul



Figura 05 - Representação de Jagannatha (deidade Hindu) - Desenho de autoria própria
- Acervo Arca da Montanha Azul

Bibliografia

COCCIA, Emanuelle. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro, Editora Dantes, 2020.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Être affecté. *Gradhiva: Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie*, v. 8, n. 1, p. 3-9, 1990.

GELL, Alfred. *Arte e agência*. Ubu Editora, 2020.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. *Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia*. *Revista de Antropologia*, v. 46, p. 445-476, 2003.

LIMA, Tânia Stolze. A planta redescoberta: um relato do encontro da ayahuasca com o povo Yudjá. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, p. 118-136, 2018.

ROMANOFF, Frederico. A ciência do sagrado: desenhos produzidos durante ritual com plantas medicinais na Arca da Montanha Azul. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, PPGSA/UFRJ, 2021.

TURNER, Victor. Social dramas and stories about them. *Critical inquiry*, v. 7, n. 1, p. 141-168, 1980.

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Ubu Editora, 2017.